

Versão Online ISBN 978-85-8015-080-3
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Artigos

2014

A IMPLICAÇÃO DA LINGUAGEM DAS REDES SOCIAIS NA PRODUÇÃO ESCRITA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE E COMPARAÇÃO

Ema Regina Pertile
Dra. Sanimar Busse

Resumo: O avanço da tecnologia sobre a sociedade e a escola criou uma realidade complexa e dicotômica. A princípio, reconhece-se sua influência sobre o comportamento dos alunos, interferindo na construção da sua linguagem, nas relações pessoais e com o conhecimento. A situação é mais preocupante com a leitura e a escrita, já que os desafios que o aluno encontra para a produção escrita podem estar relacionados à falta de vivência dessas práticas no seu dia a dia, e ao domínio restrito do código, da estrutura e das relações desencadeadas pelo uso da linguagem. Neste artigo refletimos sobre a proposta de estudar e analisar a linguagem da internet e seus usos sociais; comparar a escrita da internet, nas redes sociais, com outros meios de comunicação; analisar os diferentes estilos de escrita veiculados nas redes sociais; estudar as características da escrita dos alunos que utilizam as redes sociais. Por meio de uma Unidade Didática, foram desenvolvidas atividades de análise, pesquisa, leitura, produção escrita, elaboração de glossário e socialização dos textos em blogs, para levar os alunos a refletirem sobre os diferentes meios e situações de interação sobre a sociedade. No decorrer e após os trabalhos propostos da pesquisa, constatou-se que os alunos do Ensino Médio conseguem (re)conhecer os vários tipos de linguagem e, usar adequadamente a língua formal/coloquial nos ambientes que comumente frequenta, com a ressalva de que sabem que não existe um padrão certo e um errado, o importante é adaptá-lo de acordo com a situação.

Palavras-chave: Tecnologia. Linguagem. Escrita.

1. Palavras Iniciais

Na era das tecnologias, em que a leitura de livros, jornais, revistas e textos científicos, tanto em sala de aula, quanto fora dela, tem se tornado confusa, fastidiosa e muitas vezes desestimulante e que os meios de comunicação avançam de forma intimidante e irrefreável, influenciando o conhecimento e interferindo na construção da linguagem dos alunos, que preferem passar a maior parte do tempo na internet, em redes sociais, a fazer uma atividade que lhes proporcione a ampliação do efetivo conhecimento: a leitura.

Na verdade, os “usuários/alunos” não sabem tirar o devido proveito do conteúdo das redes sociais. O fato é extremamente preocupante, já que isto pode conduzi-los às dificuldades no momento de escrever com precisão, clareza e principalmente, correção ortográfica, como é demonstrado cotidianamente.

Este trabalho teve o objetivo de estudar e analisar a linguagem da internet e das redes sociais, e seus usos sociais a partir da compreensão dos estilos de escrita, nas atividades de leitura e de produção escrita. Pretendeu-se comparar a linguagem de uso da Internet – redes sociais, com a escrita em outros meios de comunicação, analisar os diferentes estilos de escritura veiculados nas redes sociais, avaliar o processo de aprendizagem da escrita dos alunos, a partir do uso de recursos tecnológicos e estudar as características da escrita dos alunos que utilizam as redes sociais, priorizando a estrutura dos diferentes gêneros, os fatores de textualidade e o vocabulário.

É perceptível que a infinita maioria dos alunos domina um amontoado de informações que, no entanto, contém um mínimo de aprendizado, conforme asseveram Marcuschi e Xavier (2004, p.14), “O impacto das tecnologias digitais na vida contemporânea está apenas se fazendo sentir, mas já mostrou com força suficiente que tem enorme poder tanto para construir, como para devastar”.

Alguns estudos apontam a mudança na produção escrita dos alunos, já nas séries finais do Ensino Fundamental, constata-se essa que perdura e se amplia durante todo o Ensino Médio, fase onde a comunicação virtual é intensivamente utilizada. Os alunos possuem um vocabulário próprio “virtual”, mais amplo, repleto de símbolos, abreviaturas e supressão de letras na composição das sílabas e palavras.

Sabe-se que as “práticas interacionais” são elementos integrantes na vida da maioria das pessoas deste século, destacando-se de forma especial os jovens adolescentes e estudantes. Dando ênfase ao emprego do “vocabulário virtual” que exige mínimo conhecimento linguístico e, é um ritual sacramentado entre os usuários.

Um vocabulário restrito resultado de pouca leitura que pode levar a contínuos erros ortográficos e gramaticais, o que culmina em insegurança e falta de habilidades para a realização da produção escrita, e que podem ser identificados como alguns dos elementos de máxima preocupação entre os professores de língua portuguesa.

A pertinência desta proposta está embasada nas constantes verificações da realidade da sala de aula, nas aulas de língua portuguesa, em que se observou a insegurança e a própria falta de estímulo dos estudantes no momento em que as

disciplinas exigiram maior concentração na projeção de ideias, no seu desenvolvimento e, por excelência na escrita. Essa realidade levou à proposta de um estudo comparativo de análise linguística a partir da presença e do uso da tecnologia – “linguagem virtual” das redes sociais, na formação, funcionalidade e efetivo aprendizado para a apropriação e uso da língua escrita nos diferentes níveis.

2. Reflexões sobre tecnologia, educação e linguagem

Na sociedade contemporânea, a educação se coloca como fator de desenvolvimento do indivíduo e dos grupos, como forma de qualidade de vida, não se restringindo apenas ao contexto cultural, mas ao econômico também. Isso aponta a necessidade de se construir um cidadão que seja capaz de atuar e interagir na sociedade.

A linguagem, portanto, pode ser compreendida como espaço de constituição ideológica, pois, segundo Bakhtin (2001), a palavra não é neutra e em suas diversas formas de expressão revela muito mais do que um conteúdo, aponta para uma leitura particular ou coletiva de mundo, que direciona o uso da língua no sentido de persuadir, convencer, pensar e fazer agir.

O ensino de língua nos níveis fundamental e médio parte no contexto da escola de situações entendidas como sociointerativas, a partir da compreensão de que a língua é um exercício do social. Tem-se, portanto, a transposição de um aporte teórico para a sala de aula, especificamente, para o trabalho de leitura e produção textual.

No processo de mediação, elaborado e constituído a partir da linguagem, o homem permite-se conhecer a própria consciência e agir no processo histórico de toda uma sociedade. Benjamin (1993, p. 36) diz que “a linguagem é um instrumento de ação e cidadania, permitindo ao homem tornar-se sujeito de sua história e de sua comunidade”.

Desta necessidade de comunicação e interação com o mundo, ao homem concede-se a atividade da linguagem e do processo de interlocução, construindo mecanismos próprios de socialização, pois a comunicação é um dos fatores básicos da existência humana. Conforme Marcuschi e Xavier (2004, p. 07), “A linguagem é uma das faculdades cognitivas mais flexíveis e plásticas adaptáveis às mudanças comportamentais e a responsável pela disseminação das constantes transformações sociais, políticas, culturais geradas pela criatividade do ser humano”.

Sem a comunicação o homem perde sua função enquanto ser racional e social, diferenciado dos outros seres vivos. Ao homem foi dado o dom de comunicar-se, de expressar pensamentos, emoções e opiniões, através da palavra escrita ou falada. Costa (1986, p. 16) destaca que “o ponto de partida da orientação voltada para a reconstrução social se traduz pelo princípio de que a escolarização é o meio pelo qual a sociedade pode mudar a si mesmo”. Para tanto, segundo o autor, “a educação deve sempre estar voltada para um contexto social mais amplo, que as necessidades individuais”.

É a partir das experiências vivenciadas pelo aluno em uma situação de integração social que este, desenvolve-se cognitivamente, relacionando-se com o mundo que o cerca. Por esta razão, diz-se que a escola tem um papel fundamental na busca e na construção do conhecimento, porque no aspecto social da linguagem, é de extrema importância que existam contextos sociais e históricos, que permitam a seus usuários, interpretações que possuam sentido.

Se a linguagem falasse apenas a razão e constituísse, assim, uma ação sobre o entendimento dos homens, então ela seria apenas comunicação. Mas, ao mesmo tempo em que ela desprende o conjunto de relações necessárias da existência. E, neste sentido, o seu traço fundamental, é a argumentatividade, a retórica, porque é este traço que a apresenta, não como marca de diferença entre o homem e a natureza, mas como marca de diferença entre o eu e o outro, entre a subjetividade cujo espaço de vida é a história (VOGT, 2009, p. 157).

O cunho social da linguagem conduz à organização do pensamento, pois, de acordo com Koch (2000 p.19), “a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade”. Pode-se afirmar, então, que esses são fatores essenciais na capacidade que o indivíduo possui de avaliar, criticar e interpretar as mais diversas situações.

O primeiro contato dos alunos com o texto acenou para uma ausência do entendimento da sua função social e do seu resultado como “prática sócio-histórica” (MARCUSCHI, 2004), desconsiderando, portanto, as condições de produção, sua função social e, principalmente, a avaliação dos processos argumentativos que envolvem a seleção lexical, a inserção de informações e o uso de estruturas sintáticas que insinuam efeitos de sentido implícita ou explicitamente demarcados no texto.

A escola tem, portanto, primordial incumbência para com a sociedade, aprimorar a linguagem e locupletar o vocabulário do aluno, para que este possa ter maior embasamento na argumentação e posicionamento; já que para alguns, a escola é a única fonte do efetivo aprendizado linguístico. Gnerre (2005, p. 03) destaca que:

A linguagem não é usada somente para veicular informação, isto é, a função referencial denotativa da linguagem não é senão uma entre outras: entre estas ocupa uma posição central a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha na sociedade em que vive.

Parte-se assim, da premissa, que a linguagem não é simplesmente o resgate de experiências, mas sim a sua construção, fazendo com que o homem construa sua própria história social. Confirma-se, portanto, que a identidade social construída simbolicamente é uma representação no mundo social onde o indivíduo se insere.

A comunicação é pensada então, como interação que requer conhecimento e envolvimento dos sujeitos envolvidos nela. Justifica-se aqui, o poder das palavras interpretadas e que, portanto, precisam ser acessíveis e comuns aos interlocutores para haver a “dominação” através da persuasão.

As possibilidades de simular, imaginar e facilitar novas oportunidades são maiores quando a linguagem se enriquece e se amplia. De acordo com Gnerre (2005, p. 14), “entender não é reconhecer um sentido invariável, mas ‘construir’ o sentido de uma forma no contexto na qual ela aparece”. Neste momento, o papel da escola é fundamental, para que efetivamente aconteça este processo de apropriação e desenvolvimento intelectual do aluno.

Tendo em vista que a escrita, durante a formação escolar, reveste-se de rituais, Geraldi (1997) apresenta a distinção entre redação e produção textual, colocando que na primeira, produzem-se textos para a escola, enquanto na segunda, o texto é produzido na escola. O autor ainda observa que ter o que dizer, ter uma razão para dizer, para quem dizer, possa de fato instaurar um processo de interlocução no interior do texto.

Nas atividades trabalhadas neste projeto, os textos cumpriam com os elementos descritos acima e, ainda, apresentavam o locutor enquanto produtor do seu discurso, a partir das estratégias utilizadas para efetivar os propósitos interlocutivos. Tratava-se de textos criteriosamente selecionados para cumprir a meta pretendida, fazer como que os alunos ativassem processos diferenciados de leitura.

Com as constantes transformações, decorrentes de buscas e pesquisas para suprir as emergentes necessidades do homem, o mundo vive agora sob o efeito da tecnologia digital, o que abre um espaço inegável para a linguagem virtual, fácil e rápida, já que sua forma de comunicação aproxima as pessoas em tempo recorde e cria novas práticas discursivas, sem tantas convenções ou formalidades.

De acordo com Costa e Freitas (2006, p. 7 - 8), “as transformações revolucionárias da ciência e da técnica, que acabam produzindo mudanças nas relações sociais e nas práticas culturais”. Ainda, segundo os autores, “novos suportes e instrumentos culturais da contemporaneidade, como o computador e a Internet, têm se tornado mediadores de outras alternativas de leitura e escrita”, são estas novas “ferramentas” que suscitam a constante preocupação dos professores do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A efetiva aprendizagem ocorre através de um processo consciente e o seu resultado, a partir desta consciência, inclui não somente o conhecimento das regras que governam a língua e sua aplicabilidade, mas também, a capacidade de falar sobre elas. Um dos grandes desafios da escola é trabalhar o que o educando não sabe a partir daquilo que ele já domina, mesmo quando o domínio do conhecimento esteja ainda na forma sincrética.

As impressões que se tem sobre a realidade não podem desvincular-se, portanto, da linguagem, pois ideias e discursos configuram a realidade, a qual se revela pelo discurso. Há neste contexto uma dinâmica de determinações, em que não se podem desvincular as ideias, da linguagem e da ideologia.

Faz-se necessário trabalhar o conteúdo que o aluno leva para a escola, enfatizando que é essencial a importância do educador como mediador entre o aluno e o conhecimento. O aprendizado realmente acontece quando o conhecimento adquirido provoca alterações no aluno como um todo, contribuindo para o seu desenvolvimento integral.

O ensino só se torna efetivo quando aponta para o desenvolvimento permanente e pessoal do aluno; quando propicia as condições necessárias para a superação de capacidade de aprender “em si” e atinge a capacidade “para si”. Assim, o professor, na sala de aula tem a função de explicar, informar, questionar e corrigir, isto conduz o aluno à internalização e a independência.

Para Geraldi (1996), no interior de uma perspectiva sociointeracionista da linguagem, a aprendizagem da língua oral, na sua variação linguística predominante,

adquire-se a partir de um processo interlocutivo. Desta forma, o autor destaca que a linguagem não acontece antes da interação, já que, constrói-se com as interlocuções do grupo social, do ambiente de convivência, de acordo com as necessidades, incorporando novas informações às anteriores, se adapta e se posiciona com formas próprias de construção do seu conhecimento.

Parte-se do pressuposto que a diferença ocorre nas instâncias destes processos e, se antes de ir para a escola houve uma aprendizagem decorrente das variadas interações, conseqüentemente, a aprendizagem terá avanço. Segundo Geraldi (1996, p. 39), “a forma e o funcionamento da linguagem em uso, na escola abrem-se novas possibilidades de interações, mas elas mudam em sua natureza”.

Ainda de acordo com o autor, as instâncias de uso da linguagem mudam, envolvendo novos métodos, com a adesão de outras variantes linguísticas, porque as interações se expandem, com outras pessoas, membros de um novo grupo social de convivência, que historicamente já estão constituídos e que tem sua linguagem própria. Surge então, outra aprendizagem da linguagem, que passa por mudanças, com adaptações e especificidades próprias dessa nova linguagem.

As manifestações linguísticas passam, portanto, a inscrever os enunciados em momentos particulares de ocorrência, deixando pistas para a investigação dos pressupostos e subentendidos que expressam não apenas as proposições, mas as posições do indivíduo diante da realidade. Hipóteses, reflexões e avaliações pautadas em justificativas, em refutações, exemplificações respaldam o encaminhamento de conclusões.

Esse movimento visa à persuasão e o convencimento, fazendo crer em algo e aderir a uma opinião. As discussões em torno das estruturas linguísticas e dos aspectos semânticos e pragmáticos que as determinam apontam para a identificação dos aspectos socioculturais, das relações estabelecidas pelo locutor com estas informações e da sua inscrição no enunciado (SELLA, et al, 2003).

Com o advento da linguagem virtual as informações do mundo, do país, específicas e pessoais acontecem quase que instantaneamente, pois os meios eletrônicos digitais possibilitam cada dia mais a interligação entre as pessoas e o assunto que desejam obter conhecimento. Para Marcuschi (2004, p. 13), “a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. Se bem aproveitada, ela pode tornar-se um meio eficaz de lidar com as práticas pluralistas sem sufoca-las”. As transformações tecnológicas da informação e da comunicação no

mundo globalizado instigam novos desafios à educação escolar, particularmente ao ensino de língua portuguesa.

Sabe-se que a internet usada como fonte referencial pela sociedade é geradora de questionamentos no que tange à formação dos sujeitos, principalmente dos adolescentes, cidadãos deste contexto emblemático e emergente. Em meio a todas estas tecnologias, estão os alunos, principalmente os adolescentes, que têm uma enorme aptidão com a linguagem virtual, porque ao nascer já estão envoltos neste ambiente informatizado, ao contrário dos pais e professores que têm dificuldades em adaptar-se às novidades tecnológicas.

Os ambientes das redes sociais mostram uma nova relação entre texto e escrita, pois são partes integrantes da oralidade e da escrita e que são vistas agora sob uma nova perspectiva, algo que tem causado preocupação para os profissionais da educação no momento da produção escrita dos alunos.

Pode-se destacar essa preocupação devido ao tempo que os adolescentes/alunos permanecem nas redes sociais da internet, onde o local não exige regras e habilidades de escrita como forma de comunicação.

A linguística textual, segundo Koch (2012), desde seu aparecimento, até hoje, percorreu um longo caminho e vem ampliando e modificando a cada passo seu espectro de preocupações. De uma disciplina de inclinação primeiramente gramatical, depois pragmático-discursiva, ela transformou-se em disciplina com forte tendência sociocognitivista: as questões que ela se coloca, no final do século passado, são as relacionadas com o processo sociocognitivo de textos escritos e falados.

As transformações na organização social, produzidas pelas inovações tecnológicas são decorrentes das necessidades de interação e da agilidade de comunicação que a sociedade busca como forma de interação rápida e eficaz, capaz de suprir tempo e espaço nesta nova realidade. De acordo com Marcuschi e Xavier (2004, p. 7), “tudo isso tem contribuído para tornar as sociedades letradas cada vez mais complexas”.

Certamente que esta nova forma de comunicação atinge não só a sociedade, que além de introduzir mudanças significativas no conhecimento, na cultura e nas relações; também demanda a busca de novas formas de inserção e cooperação da atual modalidade de linguagem, pelas pessoas e instituições.

De acordo com Quiles (2009), “entendendo-se a escola como instituição da sociedade responsável pela educação formal dos indivíduos, surge o questionamento

sobre as implicações nas práticas educativas diante da abordagem das tecnologias no interior do fenômeno educativo”.

Pode-se constatar que a linguagem oral e a linguagem escrita estão passando por um processo contínuo de mudanças e (re)adaptações. Sobre isso Marques (2003, p. 18) escreve que, “essas novas tecnologias rearticulam em unidade processual rica de virtualidade as linguagens todas, transformam a oralidade e a escrita, sem nunca as dispensar em suas formas anteriores e colocam desafios outros à educação escolar”.

Sob essa recente perspectiva na educação contemporânea torna-se imprescindível a adequação de uma nova proposta metodológica de ensino, assinalando-se que esta, deve partir das culturas de referência dos educandos e de gêneros, mídias e linguagens que são do seu conhecimento e, sob esse prisma, de acordo com (ROJO 2013), “buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático para a ampliação do seu repertório cultural”.

De acordo com vários autores, o término *letramento* é usado para conceituar a alfabetização. Partindo-se desta definição é possível colocar que, nos últimos tempos uma gama de expressões surgiu na (de)nominada *cultura eletrônica*, mas que pode resumir-se em numa única expressão, que está se tornando usual para designar o fenômeno, como, “letramento digital”.

O conceito de *letramento* está incorporado ao vocabulário brasileiro, mais especificamente ao vocabulário da língua portuguesa, manifestando-se de diversas maneiras na sociedade contemporânea. O vocábulo deriva filologicamente do latim, *littera*, que significa letra. Nas últimas décadas, a terminologia é (re)pensada como alfabetização considerada “normal”, (ler e escrever) ou seja, na forma tradicional que a escola vem fazendo a partir da adoção do livro didático e, que o professor é o mediador do conhecimento.

Neste momento de “transmutação” da linguagem, o sentido da palavra tem uma ressignificação, que pode ser definida como “alfabetização virtual”, ou seja, a viabilização da leitura e da escritura pode acontecer fazendo-se uso das práticas sociais virtuais, o que oportuniza ao aluno a aprendizagem no momento em que ocorre a participação social.

A crescente preocupação das instituições educacionais, dos professores e da sociedade, decorrente das dificuldades que os alunos encontram no instante da produção escrita e da interpretação nos contextos sociais de sua vivência, acentuou-

se nos últimos anos no país e, de acordo com leituras (ROJO, 2013), constatou-se que esta preocupação se estende para outros países, já há alguns anos, o que levou pesquisadores a discussões acerca de possíveis soluções.

Um grupo de pesquisadores dos letramentos, denominado (GNL), após um colóquio em 1996, em Connecticut (EUA), segundo Rojo (2013), publicou um manifesto, (“Uma pedagogia dos multiletramentos – desenhando futuros sociais”), momento em que constatavam a necessidade de a escola voltar-se para os novos letramentos emergentes na sociedade. A proposta consistia em uma nova concepção, que enfatiza a diversidade cultural e a diversidade de linguagens, (verbal, visual, sonora, gestual), privilegiando os novos gêneros textuais, principalmente as novas TICs.

Como assevera Rojo (2013, p. 12), deve-se “levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade”. Rojo (2013, p. 13) ainda destaca que:

Diferentemente do conceito de **letramentos (múltiplos)**, que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de **multiletramentos** – é bom enfatizar - aponta para dois tipos de específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meios dos quais ela se informa e se comunica.

Conforme Rojo (2013, p. 13), “no que se refere à **multiplicidade de culturas**, as produções culturais letradas que circulam atualmente têm características próprias e anomalias pertinentes à um processo de escolhas pessoais demonstradas, que são o resultado de diversos letramentos”. Entende-se “diversos letramentos” como resultado da abrangência de conhecimento que possui o produtor.

A autora ainda destaca que, “a produção cultural atual se caracteriza por um processo de desterritorialização, de descoleção e de hibridação que permite que cada pessoa possa fazer ‘sua própria coleção’” (ROJO, 2013, p. 13), sobretudo a partir das tecnologias. Sobre essa colocação, confirma-se verdadeiramente a interação nos ambientes virtuais, com autonomia e individualidade, próprias da variedade das linguagens de cada usuário, independentemente de tempo ou espaço.

É neste novo contexto social de troca de informações que se encontram o educador e o aluno e, que exige agora, diferentes capacidades para a prática da

linguagem em razão da tecnologia; estas novas práticas sociais requerem um novo perfil, com ousadia, que admite comportamentos inéditos entre os participantes.

Por sua própria constituição e funcionamento, ela [mídia digital] é interativa, depende de nossas ações enquanto humanos usuários (e não receptores ou espectadores) – seu nível de abertura de previsões, a interface e as ferramentas não funcionam. Nessa mídia, nossas ações puderam, cada vez mais, permitir a interação também com outros humanos (em trocas eletrônicas de mensagens, síncronas, assíncronas; na postagem de nossas ideias e textos, com ou sem comentários de outros; no diálogo entre os textos em rede [hipertextos]; nas redes sociais; em programas colaborativos nas nuvens) (ROJO, 2013, p. 23 – 24).

A Tecnologia apresenta um novo desenho da sala de aula em um novo ambiente virtual de aprendizagem, com uso das ferramentas disponíveis pela tecnologia digital. Sobre essa questão, Almeida (2003, p. 331) explica que:

Ambientes digitais de aprendizagem são sistemas computacionais disponíveis na internet, destinados ao suporte de atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Permitem integrar múltiplas mídias, linguagens e recursos, apresentar informações de maneira organizada, desenvolver interações entre pessoas e objetos de conhecimento, elaborar e socializar produções tendo em vista atingir determinados objetivos. As atividades se desenvolvem no tempo, ritmo de trabalho e espaço em que cada participante se localiza [...].

A formação dos professores, diante desta nova realidade de aprendizagem, torna-se indispensável, destacando-se que, não somente como capacitação para o uso das tecnologias, mas também como conscientização ideológica sobre o que os textos transmitem nas diversas modalidades dos ambientes virtuais, para a construção de uma educação crítica, propiciando ao aluno a sua interação com as novas tecnologias da informação e comunicação no cotidiano, criticamente.

No campo específico da linguagem, a ideia principal não trata de discutir se o uso ou não das inovações tecnológicas pode solucionar o problema da aprendizagem (leitura e escrita) dos alunos, mas levá-los a priorizar as linguagens e empregar adequadamente, de acordo com situação que a mesma exige. Coloca-se que estas perspectivas são temas de abordagens recentes de discussões sobre uma preocupação extremamente relevante à educação brasileira.

3. Tecnologia e Ensino: propostas e resultados

O alvitre deste estudo foi desenvolver estratégias, com base em estudos da linguagem veiculada em diferentes meios, principalmente nas redes sociais e na internet, com vistas a levar o aluno a compreender a função e o uso das novas formas de comunicação dos textos, que podem ser produzidos pelos vários segmentos das tecnologias em voga, realçando o “uso das novas tecnologias de comunicação e interação (“novos letramentos”), como enfatiza Rojo (2013).

A Unidade Didática foi o processo utilizado para o desenvolvimento do trabalho, com propostas envolvendo atividades de: pesquisas e leituras, abarcando análise e comparação de produções escritas das redes sociais e da norma culta. A criação de um blog para a postagem dos trabalhos realizados, com o objetivo de fazer o aluno discernir o uso da língua formal no momento da escritura.

A referida unidade foi organizada em 2 eixos, contemplando a linguagem dos gêneros narrativos e dos gêneros argumentativos e a sua aplicabilidade com as atividades propostas foram iniciadas no 1º semestre letivo de 2015, com a turma de alunos da 2ª série C do Ensino Médio, do Colégio Estadual Bom Jesus – Bom Jesus do Sul – PR.

A primeira atividade com os educandos proposta foi a realização de uma produção autobiográfica escrita, com a apresentação da professora e dos alunos; para isso teve um roteiro de apresentação escrito no quadro, como sugestão, mas que foi adequando-se, de acordo com as necessidades de cada um.

A implementação teve início com a exposição do projeto, o qual provocou curiosidade e interesse dos alunos, pelo fato de saberem que várias atividades seriam realizadas na sala de informática, tais como vídeos, pesquisas e as diversas leituras realizadas em sites; destaca-se que a maioria dos alunos são oriundos do interior do município e a possibilidade do uso da Internet na escola é sempre muito bem recebida por todos.

A história da Internet ocorreu com a apresentação de um vídeo, sobre sua evolução e os avanços decorrentes da escrita, que diariamente são constados nos diversos sites de bate papos e nas redes sociais. O trabalho culminou com a socialização de uma pesquisa e o relatório realizado pelos alunos, a produção de cartazes, com o uso de imagens, – recortes de revistas e que foram incrementados com desenhos realizados pelos alunos - a colocação pelos grupos das diversas

informações obtidas, em sala de aula e exposição no mural da escola, o qual chamou a atenção da escola pela beleza e organização.

A atividade despertou – durante o seu desenvolvimento - a curiosidade de outras turmas do colégio, que vinham ver o que os colegas estavam fazendo, já que no dia das aulas a turma espalhava-se pelos vários ambientes da escola – biblioteca, sala de informática, sala de aula e mesas do saguão, para a realização da tarefa; os grupos dividiram-se para realizar o trabalho, enquanto alguns pesquisavam na Internet, outros realizavam a parte escrita e outro grupo confeccionava os cartazes e para isso recortaram e colaram imagens, desenharam, escreveram o significado e pintaram os vários símbolos da escrita digital usada nos ambientes dos bate papos e redes sociais.

A tipologia narrativa e narrativa histórica foi abordada com a explicação sobre a estrutura deste tipo de texto e com a entrega de dois textos informativos, pertinentes à tarefa, para leitura e compreensão acerca do gênero. A continuidade do trabalho foi a solicitação de uma atividade investigativa na Internet – ambientes digitais – biblioteca e acervo literário municipal para a obtenção de informações sobre a história de Bom Jesus do Sul – PR. Desde o início da comunidade, colonização, cultura, festas comemorativas, costumes, história da emancipação, fatos históricos e interessantes. Para isso a turma foi dividida em 4 grupos, elencou-se um roteiro de investigação e com a tarefa realizada e algumas correções, aconteceu a socialização do trabalho. A disciplina de Sociologia estava também realizando este trabalho investigativo com a turma de alunos, pois era uma proposta que seria usada para apresentação no desfile de 7 de setembro, houve então um trabalho de interdisciplinaridade com esta disciplina.

Os ambientes digitais (site, blog, skype, facebook, wattsApp) como forma de comunicação social, suas funções e linguagem utilizada foram explorados através do gênero informativo com a apresentação de um vídeo sobre o “blog” e alguns slides, já que alguns trabalhos devem ser postados neste ambiente logo após a sua criação; a turma foi dividida em dois grupos para a realização da atividade, que aconteceu, em sua grande maioria, na sala de informática, quando foram previamente elencadas, questões pertinentes aos ambientes digitais, para análise e compreensão; cada grupo encarregou-se de explorar dois ambientes e a produção dos cartazes com as informações encontradas foram ricamente ilustradas com desenhos e figuras de

revistas para exposição no mural da escola e, em sala de aula foi amplamente debatido a linguagem utilizada nos ambientes pesquisados.

A criação do “blog” aconteceu parcialmente no ambiente informatizado da escola, tendo a sua finalização – personalização - em outro momento, mas a empolgação e entusiasmo da turma era enorme, já que alguns não tinham, ou se tinham, era um conhecimento ínfimo deste espaço digital. A discussão e socialização das questões pertinentes acerca da função social deste ambiente ocorreu logo após os alunos reunirem-se para a elaboração da atividade.

O segundo eixo, que compreende os gêneros argumentativos, foi elaborado com a intenção de proporcionar o desenvolvimento acerca da argumentatividade dos alunos e a percepção das diferentes modalidades de registro do texto, nos diversos veículos de circulação.

Na sequência da implementação foi apresentado para os alunos, trechos de pequenas produções escritas que ocorrem nas redes sociais (recortes) e de outros meios de comunicação, texto de blog e reportagem de revistas para a comparação, análise e questionamentos dos diferentes estilos de escrita, do uso da língua formal/informal, das mudanças, do surgimento de neologismos encontrados nos ambientes digitais, estudando as características e criatividade dos usuários, (supressão de letras, ortografia, símbolos, etc),

Após a averiguação minuciosa das várias produções escritas, organizou-se um debate, com questões elaboradas, para o qual a turma foi dividida em dois grupos – 1º grupo: foi a favor do uso da Internet e argumentou sobre os benefícios que os ambientes digitais propiciam aos seus usuários e esgrimiu em sua defesa, enfatizando sobre a rapidez e a quantidade de informações que podem ser obtidas pelas pessoas, sempre que tiverem necessidade de realizar uma busca; o 2º grupo foi contra a utilização da Internet e discutiu apresentando e contrapondo razões, especialmente no que tange ao uso indevido dessa ferramenta, como sendo um dos principais problemas, principalmente pelos jovens, que o fazem sem controle, prejudicando o seu desenvolvimento social, emocional e ainda, limitando o conhecimento científico, principalmente a escrita, já que a meta é a rapidez da comunicação, sem a preocupação com a forma.

A organização e postura dos grupos para a defesa das ideias de forma convincente culminaram em um resultado positivo, que desenvolveu nos alunos,

durante a realização do trabalho, a busca pelos argumentos e o enriquecimento do vocabulário que foi utilizado.

Os alunos realizaram a pesquisa de opinião, sobre o uso da Internet, a partir de indagações digitadas em folha e entregue para cada grupo de alunos, que se formou por proximidade de residência, como solicitação de atividade de casa e que foi feita com a colaboração das pessoas que convivem com os educandos e as que estão perto da sua comunidade – interior e zona urbana. A tarefa obteve resultados variados, pois a zona rural raramente tem acesso à Internet, salvo casos que o fazem pelo celular, já a zona urbana, nos vários segmentos pesquisados, utiliza bastante esta tecnologia – alguns simplesmente como função social, mas principalmente como ferramenta de trabalho.

Ressalta-se que grande maioria colocou que a Internet é um canal facilitador na vida das pessoas, no trabalho, pela rapidez e agilidade das informações ou na escola, pela possibilidade de conhecimento que pode proporcionar, mas que o uso indevido pelos jovens e a quantidade de tempo que permanecem conectados é motivo de preocupação, de acordo com os resultados.

A proposta de tarefa que finalizou com a produção escrita de um artigo de opinião, em que foram observados a organização de ideias e a ortografia, foi uma leitura reflexiva, com questionamentos, – sobre os benefícios e os problemas – utilizando o texto, “A fadiga da informação”. A partir das leituras, análises, pesquisas, questionamentos e debates, presumiu-se que os alunos já abarcavam vocabulário e conhecimento, com argumentos suficientes para elaborar o trabalho, em que utilizariam o aprendizado adquirido.

O tempo de uso da Internet, pelos alunos do colégio, corpo docente e equipe pedagógica foi tema de pesquisa pela turma de educandos, utilizando algumas questões selecionadas e observando: sexo, faixa etária, escolaridade, como ferramenta de trabalho/uso social e preocupação sobre linguagem formal/informal.

De acordo com os resultados, o corpo docente e equipe pedagógica utiliza a Internet, grande parte do tempo, como ferramenta de trabalho e enfatizam a preocupação sobre o tempo que os alunos permanecem conectados, sem observação ou ressalvas dos responsáveis, já que a maioria dos jovens, faz uso desta tecnologia sem controle dos pais e permanecem horas a fio conectados, totalmente “desligados” daquilo que não os interessa.

Os dados foram expostos em cartazes em forma de gráficos e grande parte da turma ficou surpresa com os resultados da pesquisa, admitindo que eles mesmos usam sem nenhum controle de tempo a Internet, mas mesmo assim, colocaram que não é possível “viver sem internet”, dizem que é “como estar fora do mundo”.

Ao decorrer dos trabalhos foi-se adquirindo um vasto material sobre a linguagem escrita de uso da internet – redes sociais, para juntamente com os alunos organizar e montar um glossário com os significados das novas palavras e ícones que foram traduzidos para a norma padrão, com a exposição do trabalho em sala e divulgação para os alunos da escola, que podem usá-lo como referência de consulta da linguagem virtual investigada.

4. Considerações finais

O uso das tecnologias em sala de aula tem se colocado como um desafio aos professores, desde o domínio das ferramentas, até a possibilidade de utilizá-las. Aliado a este fator, as dificuldades identificadas no momento de concretização da produção escrita dos alunos do Ensino Médio, instigaram-me a realização de um trabalho investigativo a partir de um roteiro de atividades sobre a influência do uso da Internet - linguagem digital escrita das redes sociais com a língua padrão.

Destacam-se as várias leituras, pesquisas e produções escritas que foram realizadas e que culminam com o trabalho de finalização do PDE, servindo como base de apoio para aprofundar um estudo sobre o uso da linguagem das redes sociais – análise e comparação, uso formal/informal da língua escrita e que efetivamente ampliaram o conhecimento.

A efetiva realização do processo aconteceu a partir da apropriação do embasamento teórico, concretização da prática com pleno êxito, a parceria da escola e dos alunos do 2º ano C do Ensino Médio do Colégio Estadual Bom Jesus de Bom Jesus do Sul – PR, que foram aliados neste projeto.

Pode-se afirmar que os alunos se tornaram personagens principais de seu conhecimento, pois foram participantes, assíduos, criativos e agregaram à sua aprendizagem, informações sobre a linguagem escrita da Internet – redes sociais e o uso da língua formal/informal nestes ambientes, que seguramente será de grande valia em seu cotidiano.

Ressalta-se, então, a importância de, continuamente, nas práticas pedagógicas, proporcionar aos alunos conhecer/diferenciar a linguagem formal e informal e, principalmente saber usar adequadamente a língua, dependendo da situação ou do ambiente em que se encontram, pois, o mundo vive agora, a chamada “época tecnológica”, em que as informações mudam constantemente e, é comum fazer uso da linguagem recorrente dos ambientes digitais, já que é a mais utilizada pelos jovens/alunos.

Sabe-se que a internet, utilizada como fonte referencial pela sociedade, é geradora de questionamentos no que tange à formação dos sujeitos, principalmente dos adolescentes, cidadãos deste contexto emblemático e emergente. E que os ambientes das redes sociais mostram uma nova relação entre texto e escrita, pois são partes integrantes da oralidade e da escrita e que são vistas agora sob uma nova perspectiva, algo que tem causado preocupação para os profissionais da educação no momento da produção escrita dos alunos.

A nova forma de ensinar e de aprender através das tecnologias é ainda um tanto assustadora, porque parece querer substituir o que é tradicional na efetiva apropriação do conhecimento científico - o livro, a leitura e a escrita já não são mais suficientes para “prender” a atenção do educando. A tarefa do professor nesta “nova era” é propiciar condições ao aluno para que possa analisar e comparar os diversos conteúdos que o ciberespaço disponibiliza e então verificar e optar o que é mais adequado para a sua formação.

A partir da experiência deste trabalho com os alunos do Ensino Médio, verificando-se as análises e comparações dos diversos trabalhos realizados, em sua grande maioria, na Internet – utilizando os ambientes digitais, redes sociais - para a sua realização, pôde-se concluir que, conhecer e reconhecer os tipos de linguagem e, usar adequadamente a língua formal/coloquial é essencial na rotina de cada cidadão, tanto no ambiente profissional, acadêmico ou na vida diária e/ou nos lugares que comumente frequenta, com a ressalva de que não existe um padrão certo e um errado, o importante é adaptar de acordo com a situação.

Os desafios, como a conectividade com a Internet e computadores da sala de informática que não funcionavam, encontrados durante o percurso, foram superados com a cooperação da equipe pedagógica da escola, colegas/professores e calma e paciência dos alunos que se adaptavam à situação, sempre que tínhamos algum imprevisto durante as aulas.

As atividades dispostas na implementação tiveram, desde o momento da sua apresentação, uma excelente aceitação e a curiosidade era eminente sempre que uma nova tarefa era solicitada; todos os trabalhos foram concretizados com êxito, destacando-se especialmente a contínua cooperação de todos os alunos que se dedicaram, durante todo o andamento das atividades.

O ambiente virtual, GTR – Grupo de Trabalho em Rede, que é uma formação de EaD, é o espaço onde os professores participam juntamente com o professor PDE/Tutor, de atividades, que envolvem leituras, análises, troca de ideias, experiências de práticas pedagógicas e conhecimento sobre a temática da pesquisa. É uma proposta inovadora e interessante de formação para os professores, já que as colocações do grupo proporcionam ampliar o conhecimento, mas que ainda encontra certa resistência para a sua efetivação, destacando-se que alguns realizam a inscrição e nunca acessam o ambiente, outros desistem durante o curso, deixando de fazer as atividades. Neste ambiente estão disponíveis o projeto de pesquisa, a produção didática e o relatório da implementação das atividades, que servem como apoio durante os trabalhos.

Pode-se deduzir, como resultado final, que todos os objetivos da pesquisa foram alcançados e que o estudo de análise e comparação sobre a língua formal/informal, abordando a linguagem digital – redes sociais, utilizada pelos jovens/alunos é tema pertinente e relevante para contínuas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth de Bianconcini. **Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais**. Educação e Pesquisa. São Paulo: 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>> Acesso em: 08 jul. 2014.

BAKHTIN, Mikhail Volochinov. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. In: Obras escolhidas, São Paulo: Brasiliense, 1993, V.I.

BUSSE, S.; SELLA, A. F. Considerações sobre o processo de asseveração instaurado pelo predicado nominal e seus ladeadores. In: 6ª. JELL, 2003, Marechal Cândido Rondon. 6ª JELL- Jornada de Estudos Linguísticos e Literários. Marechal Cândido Rondon, 2003.

COSTA, Luis Carlos. **Drumond e o dicionário**. Letra & letras. Vol. 12, 1986.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. COSTA, Sérgio Roberto. **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. Texto e linguagem. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, Mercado das letras, 1996.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antonio, XAVIER, Antônio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna: 2004.

MARQUES, M. O. **A escola no computador: linguagens articuladas, educação outra**. Ijuí: Unijuí, 2003.

PARANÁ, Governo de Estado, Secretaria de Estado da Educação do Paraná – Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica – Língua Portuguesa**. Paraná: Secretaria de Estado da Educação do Paraná – Departamento de Educação Básica, 2008.

QUILES, Claudia Natalia Saes. **O uso do computador na escola: mapeando os “modos de ensinar” na sala de tecnologias educacionais (STE)**. Em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2487_1780.pdf> Acesso em: 06 jul 2014.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs). **Multiletramentos na escola**. 1ª ed. 1ª reimp. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

VOGT, Carlos. **O intervalo semântico**. São Paulo: Atelie Editorial, 2009.